

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



BERTOLOTTI, Davide (Turim, 1784 - Turim, 1860)

Intelectual de origem piemontesa, estimulado por interesses variados, é reconhecido essencialmente pela sua actividade polígrafa. Figura também entre os historiadores e divulgadores estrangeiros que no século XIX se dedicaram à elaboração de Histórias de Portugal. Nasce em Turim no ano de 1784, filho de ricos comerciantes que lhe viabilizam o acesso a uma escolarização que não se desenvolve unicamente na região em que nasceu (onde o tradicionalismo social e económico, juntamente com uma sólida cultura jesuítica, suportava a estrutura administrativa da dinastia de Sabóia). Em 1812 desloca-se para Milão e é aí que começa a desenvolver a sua actividade. Nesse ambiente intelectualmente efervescente e vital para os seus interesses intelectuais, dá-se a evolução de uma produção escrita abrangente diversificada, comum entre os intelectuais da época.

Entre os seus interesses científicos estão a divulgação da história e da geografia. Bertolotti quer dar a conhecer o mundo numa época em que a difusão da leitura se faz acompanhar por uma crescente motivação pelas viagens (em pleno período do *Grand Tour*). No âmbito de uma nova publicação periódica por si dirigida, *Il Ricoglitore*, vale-se das suas competências linguísticas para recolher e traduzir informações a partir de publicações estrangeiras. Contudo, é no trabalho de tradução para língua italiana dos compêndios da história universal dos Condes de Ségur que surgem as “Histórias” de vários países (como da China e Suíça), inclusive a de Portugal. A sua obra sobre Portugal (*Storia di Portogallo dai primi tempi sino ai nostri giorni. Tratta dal Durdent, dal Balbi e da altri autori*, 1824, daqui em diante *SdP*), redigida em língua italiana e publicada em várias edições, foi um trabalho de divulgação que teve um certo êxito editorial e comercial, o que contrasta com a avaliação geral da sua obra pela crítica do tempo e também pela mais recente, que a considera medíocre. Certo é que o seu trabalho viria a ser considerado precursor de publicações oitocentistas do mesmo género, como pioneira da historiografia romântica do século XIX sobre Portugal. Sucedem-lhe outros trabalhos, tais como a tradução do francês da obra *Portugal*, de Jean Ferdinand Denis (1850), ou, para dar mais um exemplo, o livro de Cesare Balbo, *Studii sulla guerra di indipendenza di Spagna e Portogallo*, escrito em 1847 (esta obra de Balbo, próxima do que poderá considerar-se história militar). A obra de Bertolotti, resultando de uma incansável vontade de divulgação, teve entre os seus objectivos fomentar o interesse dos leitores pela história e pela geografia. Apesar de debilmente estruturada sob o ponto de vista historiográfico e metodológico, a sua ideia da história revela um interesse por múltiplas áreas do saber (história, geografia, literatura). Em todo o caso, a síntese bibliográfica prevalece sobre a análise rigorosa das fontes e, apesar de ter uma linguagem clara e desprovida dos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

barroquismos que pululam na escrita romanesca, está contaminada pela faceta do romance histórico, com um excesso de retórica nada incomum em obras de divulgação do século XIX.

Na sua prática historiográfica, Bertolotti tem um período particularmente fecundo por altura do seu regresso a Turim, onde obtém favor e protecção da casa real de Sabóia (em particular do rei Carlos Alberto), à qual já dedicara um estudo histórico: *Istoria della Real Casa di Savoia* (1830). Segundo alguma crítica, este estudo tem o mérito de ter popularizado um tema ainda pouco conhecido e investigado, embora em tons demasiado lisonjeiros e engrandecedores. De 1838 é outro trabalho histórico, *Gli Arabi in Italia. Esercitazione storica*, história crítica da dominação moura nas ilhas e no sul da península, e dos prejuízos que, na opinião do autor, provocou. Em 1857, em colaboração com outro autor que se dedicou à produção de obras de pendor divulgativo - Cesare Cantù, autor de uma história universal traduzida em várias línguas -, publica *Il regno Lombardo-veneto e Gli stati sardi*. Não se pode desvalorizar o sentido da primeira obra, que surge exactamente numa fase em que a estratégia política e diplomática do Reino de Sardenha (sob a habilidosa chefia do Conde de Cavour) passava por um plano de anexar o reino Lombardo-véneto (a anexação efectuou-se dois anos depois) como primeira etapa da expansão territorial na península.

Não se encontra uma justificação imediata para o interesse de Bertolotti pela cultura portuguesa, várias interpretações são possíveis: poder-se-ia supor que esse interesse é fruto das múltiplas leituras que faz, sobretudo na segunda década do século. Mas não se pode excluir a hipótese de o autor estar simplesmente interessado pela actualidade política do país. Recordemos que Portugal voltara a interessar a opinião pública italiana graças aos acontecimentos dos primeiros anos vinte. Aliás, naquela época, Lisboa acolheu vários exilados políticos napolitanos, milaneses e piemonteses. Encontra também certa plausibilidade a hipótese de o autor ter sido estimulado por obras de outros autores: de facto, a obra de Bertolotti fora precedida pelo *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve* (1822) de Adriano Balbi, trabalho de elevado teor científico e fervente sentimento vintista. Contudo, apesar de ser esporádico, tal interesse não é secundário no conjunto dos trabalhos do escritor piemontês: Bertolotti foi também organizador de uma edição crítica em língua italiana da obra-prima camoniana (*I Lusiadi di Luigi Camones*, 1821). Seja como for, a *SdP* é a sua publicação de referência. Trata-se de uma obra de compilação de várias contribuições anteriores, tais como as de historiadores e literatos franceses, que nesta altura parecem canalizar os seus interesses para a história dos povos e das nações. Na *SdP*, Bertolotti trabalha com fontes, comenta-as recorrendo a outras fontes. Mas ao contrário de outras tentativas similares, o autor não dispensa a elaboração dos seus próprios comentários. Faz a sua própria análise. As fontes têm um papel fundamental, mas não se deixa de proceder ao exame e comentário de casos concretos, não evitando contradizer-se (a mesma coisa acontece com os seus estudos relativos à Suíça -1823- e à China -1825-, contemplados na referida série de compêndios).

Dividida em três tomos, com um índice analítico no fim do terceiro, a *SdP* é publicada pela primeira vez em 1824, altura em que, quer em Portugal quer na península itálica, o poder absolutista, abalado pelo vintismo por um lado, e pelas revoluções napolitana e piemontesa por outro, iniciava um período de ajuste, período particularmente prolongado nos estados italianos, posto em causa somente pela onda revolucionária de 48 e levemente sacudido pelas tentativas revolucionárias do biénio 1830-31 nos territórios



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

sob controle dos Habsburgo e nos territórios pontifícios da Itália central.

Bertolotti dedica-se com esmero à publicação de um estudo estruturado da história de Portugal, país olhado com “ignorância” e “maledicência”, estudado com inexatidão e desconhecimento. Apoiar-se em Adriano Balbi, o primeiro autor que tinha evidenciado “qu’il n’y a peut être pas un seul pays en Europe qui compte un plus grand nombre de mauvaises descriptions” (*Essai Statistique*, t. I, p. VII). Até por dirigir-se a “viajantes”, poderíamos dizer que a sua obra é um trabalho historiográfico de carácter claramente divulgativo, uma ferramenta para viajantes e turistas que, como se sabe, naquela época não faltavam em Portugal. Ou seja, Bertolotti tenta conduzir os seus esforços historiográficos (no caso das histórias nacionais) de forma a que se possam cruzar com um estilo muito próximo do da literatura de viagens, de intuítos pedagógicos e pragmáticos. É neste seu gosto pela literatura que os seus críticos encontram paixão e pureza, gosto pictórico e interesse pelas recordações históricas e pelos aspectos do folclore nacional.

Veja-se como Bertolotti encara alguns dos momentos mais marcantes da história portuguesa. Como primeiro exemplo, refira-se a narração de um dos episódios de implicações místicas e religiosas: a batalha de Ourique (t. I, pp. 49-57). Bertolotti considera as “visões” e os “milagres” afonsinos como fruto da criatividade e astúcia do soberano português, pondo em causa algo que tinha sido considerado verídico por outros historiadores que já se tinham debruçado sobre o estudo do tema, e mostra-se favorável a interpretar estes supostos eventos como resultantes da “astúcia” de D. Afonso Henriques, que desejava motivar os seus fidalgos para a luta contra os mouros (“sembri molto più naturale considerare Alfonso come un destro condottiero, anziché come un visionario”, t. I, p. 54). Por outro lado, reconhece como autêntico um acontecimento histórico considerado fundamental para a instituição da nação portuguesa: as Cortes de Lamego. A este propósito, refira-se que, tendo publicado a obra em 1824, o autor formulava uma visão inspirada numa tradição mítica tida por verídica. Como foi dito, na análise de Bertolotti não é posta em causa a veracidade das Cortes de Lamego, pelo contrário, são consideradas um momento fundador da nação portuguesa, localizando-as cronologicamente no ano de 1145 (quando habitualmente eram situadas em 1143). Trata-se de uma visão mítica que, a par de outras que acompanharam a historiografia sobre Portugal, será desvalorizada e perderá credibilidade sobretudo a partir da publicação da *História de Portugal* de Alexandre Herculano (vol.I, 1846).

No que diz respeito à interpretação dos Descobrimentos, Bertolotti refere que os portugueses partiram para a aventura marítima por uma necessidade de praticar grandes feitos, mas também devido ao facto de o mar ser o único espaço para onde se poderiam virar, tendo em conta a pressão militar dos vizinhos castelhanos. Estes elementos, a par da necessidade de controlo do “spirito turbolento dei suoi sudditi” (t. I, p. 186) do rei D. João I, abrem as portas dos mares ao reino. Os Descobrimentos são pois vistos por si como um momento simultaneamente de ineludível conquista de espaço e válvula de descarga da pressão social interna. Não aparece na sua descrição crítica qualquer indicação de causas de decadência, tal como acontece na historiografia liberal portuguesa do século XIX, em vários momentos. A “decadência” identificada por Bertolotti coincide com a perda da soberania nacional em 1580, com o domínio o filipino, ou seja o eclipse de uma monarquia que soubera identificar-se com a própria nação (nação valente e beligerante) através das instituições representativas - as cortes - alicerce da época de prosperidade e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

esplendor militar e comercial de Portugal, postas em causa pelo desaparecimento de “um giovinetto re, tratto da un imprudente amor di combattere”, que deixou campo aberto à dominação espanhola, “funesta al Portogallo come alle Fiandre e all’Italia” (t. I, p. 7).

A obra inclui, na parte final, uma descrição das instituições, população, arquitectura, língua e literatura portuguesas, descrição essa resumida num capítulo de cerca de setenta páginas. O estilo é o dos compêndios que marcaram a produção literária e os tempos históricos que o autor viveu. Nesta parte final que se torna muito evidente que Bertolotti se socorreu de obras de outros autores para conseguir produzir o seu trabalho. O que salta sempre à vista é o seu interesse por múltiplos interesses e disciplinas. É, aliás, essa interdisciplinaridade que, num certo sentido, valoriza toda a sua obra, atribuindo ao seu autor um grau de capacidade de síntese e simultânea amplitude de visão que não se pode menosprezar. A análise do autor lê-se sempre com interesse: na descrição que faz da Inquisição, salienta como “non fu giammai così crudele nel Portogallo come in Goa e nella Spagna” (t. III, p. 114); dá ênfase ao papel desenvolvido pelo Marquês de Pombal no travar da influência e poder do tribunal religioso (chega a lembrar certas palavras proferidas décadas mais tarde por Antero nas Conferências Democráticas); cataloga como “ridícula” a distinção entre cristãos velhos e novos (nos tempos de Dom Manuel I). Com igual interesse (mas com a estranheza que só pode acompanhar o leitor contemporâneo) se lê a sua análise etnográfica do reino de Portugal. Bertolotti recorre às narrações do literato piemontês Giuseppe Barretti (*A journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain and France, 1770*), que manifesta sentimentos de profunda aversão contra a plebe portuguesa e a sociedade lusitana em geral, considerando-a uma realidade atrasada. Sobressaem também as descrições referentes à (numerosa) presença em território português de “negros”, verdadeiros “monstros”, que contrastam com a comum beleza do português branco, e que multiplicam a sua “desprezível” presença através da mestiçagem, causa de abastardamento e degeneração da raça branca e das famílias portuguesas (a seu ver, as uniões mestiças desviavam os portugueses da raça europeia) (t. III, p. 115-116).

Bertolotti só desenvolve a sua narrativa até 1811, data em que os franceses saem de Portugal. O que ressalta é que, ao contrário do que faz por exemplo Alphonse Rabbe na sua obra *Resume de l’Histoire de Portugal, depuis les premiers temps de la monarchie jusqu’en 1823* (e Adriano Balbi, apoiante entusiasta do vintismo), Bertolotti enjeita analisar o período vintista. Numa nota feita à margem do capítulo XVII do tomo terceiro, quase inteiramente inspirado na obra de Durdent, Bertolotti faz um comentário depreciativo à narrativa filo-napoleónica daquele autor francês, criticando esse tipo de comentário. Avisa também que é escolha sua não continuar a escrever outra parte “più uniforme alla verità e più concorde al nostro sentire” (t. III, p. 101), por considerar ser uma “prudenza lodevole” não fazer juízos sobre acontecimentos contemporâneos. Esta posição de Bertolotti justifica, portanto, o facto de não analisar o período que marca o apogeu da revolução liberal (na obra de um autor como Rabbe, a visão apologética deste período ocupa um capítulo inteiro, com muitas referências às reflexões de Balbi). Mas esta posição de Bertolotti, de não alinhamento político, foi considerada de oportunismo (foi várias vezes acusado disso) mais do que de teor conceptual, como parece confirmar a sua atitude ao longo dos anos. Nunca teve intervenção política activa. Compreende-se por isso, que não hesitasse romper a unidade e amizade com outros escritores e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

companheiros.

Evidencia-se na complexa produção historiográfica de Bertolotti, um problema da originalidade das fontes e profundidade da investigação, que se coloca de maneira não despreciada no que diz respeito à obra de divulgação histórico-cultural da primeira metade do século XIX. É esta produto do desenvolvimento de uma historiografia tradicional (também presente em Portugal) resultante em “sínteses de sínteses”, que encontra na questão da originalidade do resultado um ponto de evidente fraqueza epistemológica - crítica metodológica que acompanha quase unanimemente a produção deste anos, quando o rigor da investigação germinado na escola alemã estava nos alvares da sua propagação no mundo da cultura romântica.

Davide Bertolotti foi membro da prestigiada *Accademia delle Scienze di Torino*, na qualidade de sócio correspondente pela classe de ciências morais, históricas e filológicas (1812), onde ingressaria em 1849 Alexandre Herculano (na qualidade de sócio correspondente). Mas não há notícia de correspondência entre os dois letrados, apesar de terem partilhado uma paixão comum: o romance histórico.

Bibliografia activa: *Milano e la Lombardia nel 1818*, Milano, Stella&C., 1818; *Il Ricoglitore* [1818-1823], Milano, Soc. Tip. de' Classici Italiani; *I Lusiadi di Luigi Camones*, Milano, Società Tipografica dei Classici Italiani, 1821; *Peregrinazioni*, 2 vols., Soc. Tip. de' Classici Italiani, 1822; *Il Nuovo Ricoglitore* [1823-1834], Milano, Stella e figli; *La Calata degli Ungheri in Italia nel '900*, Milano, Soc. Tip. de' Classici Italiani, 1823; *Storia di Portogallo dai primi tempi sino ai nostri giorni. Tratta dal Durdent, dal Balbi e da altri autori*, III tt., Milano, Tipografia Ranieri Fanfani, 1824; *Storia della Cina*, Milano, Stella e figli, 1825; *Istoria della Real Casa di Savoia*, Milano, Fontana, 1830; *Gli arabi in Italia*, Torino, Baglione e Comp., 1838; (com Cesare Cantù), *Grande illustrazione del regno Lombardo-veneto*, Milano, 1857; *Stati Sardi*, Cremona [s. n.], 1857.

Bibliografia passiva: AA.VV., *Biblioteca italiana ossia giornale di letteratura, scienze ed arti*, vol. 60, Milano, Stella, 1830, pp. 339-342; BERSEZIO, Vittorio, *Il Regno di Vittorio Emanuele II. Trent'anni di vita italiana*, vol. I, Torino, Roux e Favale, 1878, p. 180-87; BROFFERIO, Angelo, *I miei tempi*, vol. VI, Torino, Streglo&C., 1904, p. 361-93; CANTÙ, Ignazio, *L'Italia scientifica contemporanea. Notizie sugli italiani ascritti ai primi cinque congressi*, Milano, Vedova di A. F. Stella e Giacomo Figlio, 1844, p. 52; CIAN, Vittorio, *Gli alfieriani foscoliani Piemontesi e il romanticismo lombardo piemontese del Primo Risorgimento*, Roma, Società Nazionale per la Storia del Risorgimento Italiano, 1934; MARINI, Quinto, “Altre esperienze narrative nel romanzo e nella novella. Defendente Sacchi, Davide Bertolotti, Giulio Carcano, Pietro Thouar; Antonio Ranieri. Giovanni Rajberti”, in Enrico Malato (org.), *op. cit.*, pp. 594-598; MARUCCI, Valerio, SCOTTI, Mario, “Il romanzo storico. La fortuna di Walter Scott e le discussioni sul genere. Le produzioni di imitazione scottiana”, in Enrico Malato (org.), *Storia della letteratura italiana, vol. VII – Il primo Ottocento*, Roma, Salerno Editrice, pp. 853-55; MUTTERLE, Anco Marzio, “Narrativa e memorialistica nell'età romantica”, in A. Balduino (org.), *Storia letteraria d'Italia. L'Ottocento*, 3 tt., t. I, Padova, Piccin Nuova Libreria, 1990, pp. 1070-71; PONTE, Giovanni, “Davide Bertolotti”, *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 9, Istituto Enciclopedico Italiano, Roma, 1967, pp. 613-615; FLORA, Francesco, *Storia della letteratura italiana, vol. III – l'Ottocento*,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

3ª ed., Milano, Mondadori, 1946, pp. 262-270; “Davide Bertolotti”, *Enciclopedia italiana di scienze, lettere ed arti*, 36 vols., vol. VI (Balta-Bik), Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1930, p. 795.

Carmine Cassino



APOIOS:

